

A poesia em Brasília

Domingos Carvalho da Silva

Quando o poeta Joanyr de Oliveira, com a generosidade que ninguém lhe nega, me pediu um poema para a sua ANTOLOGIA DOS POETAS DE BRASÍLIA, de 1971, tive de lhe explicar a razão de declinar desse convite amável: eu não me considerava um poeta de Brasília, nem havia, a meu ver, poetas DE Brasília, mas tão somente poetas EM Brasília. Hoje, ao escrever esta crônica sobre a poesia na Capital da República, vejo o problema sob o mesmo ângulo: não há poetas brasilienses e a poesia de Brasília reduz-se a alguns casos isolados.

Esta afirmativa decorre da consulta à imprensa literária local e às duas coletâneas publicadas por Joanyr de Oliveira. Houve, nos primeiros anos de existência da cidade, alguns jornais efêmeros e neles militou o ficcionista Almeida Fischer, a quem devemos a publicação de páginas literárias com poemas de autores aqui residentes. Mais tarde tivemos o caderno cultural do CORREIO BRAZILIENSE, sob a orientação de Hugo Auler e José Helder de Souza e nele predominou a presença da poesia de autores aqui domiciliados: Abgar Renault, Afonso Félix de Sousa, Alphonsus Guimaraens Filho, Anderson Braga Horta, Cassiano Nunes, José Santiago Naud e muitos outros. Mas, com poucas exceções, os poetas do CADERNO CULTURAL eram já nomes conhecidos antes da fundação da cidade. Quem poderia considerar poetas de Brasília o sr. Abgar Renault

que, antes de 1930, já era um dos militantes mais assíduos da imprensa literária de Minas?

Outro suplemento de muita projeção foi o ENFOQUE, do DIÁRIO DE BRASÍLIA. Graças à presença de Almeida Fischer pudemos ler, em cada número de tal suplemento, poemas de autores aqui residentes como Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Viana, Joanyr de Oliveira e Waldemar Lopes, ao lado de outros, assinados por grandes nomes da poesia de vários Estados. Mas Fernando Mendes Viana, antes de morar na nova capital, já era poeta de livros editados no Rio. Waldemar Lopes já figurava em antologias pernambucanas da década de 40 e na antologia de bissexto de Manuel Bandeira.

Quem são então os poetas de Brasília? Já que os que aqui nasceram ainda não existem como poetas, restam os que, vindos muitos jovens para esta cidade, aqui escreveram e publicaram os primeiros poemas. Na verdade, porém, estes são muitos poucos e nem todos aqui ficaram, e nem mesmo a sua presença justificaria a publicação de antologias como as de Joanyr de Oliveira. Mas, a despeito desta restrição, tais antologias merecem exame, embora superficial, já que os limites desta crônica não o comportam mais aprofundado.

Em POETAS DE BRASÍLIA (1962) incluiu Joanyr dois nomes de projeção nacional (Afonso Félix de Souza e Alphonsus de

Guimaraens Filho) e outros menos conhecidos na época, mas representativos (Anderson Braga Horta, Santiago Naud, Lina Del Peloso, etc.) Um deles, Jair Gramacho, autor dos SONETOS DE EDÊNIA E DE BIZÂNCIO, é, sem favor, um dos principais poetas brasileiros da fase posterior à Geração de 45. Há ainda nessa coletânea outros poetas merecedores de citação pela boa categoria de seus poemas: Gaudêncio de Carvalho, Joanyr de Oliveira, Mário Limeira Alves e o saudoso Pedro Luiz Mási.

A já citada ANTOLOGIA DOS POETAS DE BRASÍLIA (1971), com que Joanyr procurou ampliar, melhorar e atualizar a anterior, não é ainda uma coletânea brasiliense. Os seus principais colaboradores são os mesmos da coletânea de 1962 (Afonso Félix, Alphonsus de Guimaraens Filho, Anderson Braga Horta, Jair Gramacho, José Santiago Naud, Lina Del Peloso e o próprio antologista) enriquecidos pela companhia de Abgar Renault, Fernando Mendes Viana, Afonso Henriques Neto, Anderson de Araújo Horta, Antônio Carlos Scartezini, Cassiano Nunes, Clemente Luz, Eudoro Augusto, Izidoro Soler Guelman, Jesus de Barros Boquady, João Viana de Oliveira, José Helder de Souza, Luiz Fernando Nazareth, Maria Braga Horta, Yone Rodrigues e mais uns poucos.

Entre os que, na nova antologia, poderiam ser considerados poetas de Brasília, merecem destaque Afonso Henriques Neto e Eudoro Augusto que, todavia, não mais residem aqui. O diplomata Luiz Fernando Nazareth talvez já esteja em alguma embaixada no exterior. Antônio Carlos Scartezini tem publicado pouco. Em consequência, os poetas locais continuam sendo os de fora de Brasília, aqui residentes (Afonso Félix, Alphonsus de Guimaraens Filho e Yone Rodri-

gues já foram para o Rio), mas presos às suas origens. O maior poema sobre a cidade continua a ser, provavelmente, aquele com que, em 1965, Cassiano Ricardo ganhou um prêmio oferecido pela prefeitura do Distrito Federal.

Os prêmios literários que aqui têm sido oferecidos não têm conseguido descobrir, entre os poetas de Brasília, mais do que uma ou duas vocações perduráveis. E nem mesmo o Clube de Poesia, presidido por Waldemar Lopes, conseguiu ainda reunir a maioria dos poetas aqui residentes. Isto é pena pois, mesmo que não se pense em termos de uma poesia brasiliense, não se pode negar a presença, na Capital da República, de um núcleo de poetas à altura de um centro literário de boa categoria.

Entre os casos isolados de poetas de Brasília, a que me referi mais acima, pode talvez ser incluído o sr. Anderson Braga Horta, cujo livro de estreia, ALTIPLANO E OUTROS POEMAS, foi escrito e impresso nesta cidade. Anderson mostra nesse livro ser um pesquisador da palavra e do verso, e não um "inspirado" à moda antiga. Tenho a impressão de que ainda está longe de atingir todas as possibilidades de sua arte de poeta, a despeito do bom nível de ALTIPLANO e dos admiráveis poemas da série DIDÁTICA publicados no número 3 de ENFOQUE.

Diferente é o caso do sr. Waldemar Lopes que, aqui chegado há poucos anos, já anuncia para o próximo a sua volta ao Rio. Publicou, no ano passado, dois livros — O INVENTÁRIO DO TEMPO e OS PÁSSAROS DA NOITE — ambos aqui escritos mas impressos fora. Bastará ler, no primeiro, o SONETO DE NATAL PARA CASSIANO NUNES para ter a certeza de que Waldemar Lopes é um dos maiores sonetistas

brasileiros de todos os tempos. É um verdadeiro artista da palavra e do verso, capaz de infundir a este todos os segredos do ritmo e àquela toda a fluidez da energia semântica, todo o dinamismo da linguagem poética.

Entre os nomes que ilustram o citado núcleo de poetas locais é necessário citar mais uma vez: Fernando Mendes Viana e Cassiano Nunes, poetas freqüentes em todos os suplementos literários e animadores de todas as atividades culturais; Jesus de Barros Boquady, que resolve, na poesia de temas regionalistas, problemas de linguagem que nem mesmo os grandes poetas de 22 conseguiram resolver; D. Maria Braga Horta que, nos sonetos incluídos na ANTOLOGIA de 71, impressiona pela intuição e pela perícia do seu poder verbal; Cláudio Murilo Leal, poeta de vários livros, com poemas incluídos na ANTOLOGIA DOS POETAS BRASILEIROS (poesia da fase modernista) de Manuel Bandeira e Walimir Ayala; D. Yolanda Jordão, poetisa de CAMPOS CERCADOS, FONTE DE PEDRA e outros livros, nome nacionalmente conhecido desde os tempos áureos do suplemento do DIÁRIO DE NOTÍCIAS do Rio; Edson Guedes de Moraes, com livro publicado, e que figura na antologia A NOVÍSSIMA POESIA BRASILEIRA, de Walimir Ayala; o deputado Aderbal Jurema, há muito tempo afastado da poesia, mas que foi um dos principais poetas modernistas da chamada geração de 30; o senador José Sarney, hoje dedicado à prosa de ficção e ao ensaio, e quase esquecido de sua estreia, em 1954, com os belos poemas de A CANÇÃO INICIAL, publicada em S. Luís. E ainda jornalista Nataniel Dantas, cujos poemas frequentaram, vinte e cinco anos atrás, numerosos suplementos e revistas literárias do Norte do país.